

• *fernando*  
Sabino

*O menino  
no espelho*

*O que você quer ser quando crescer?*

NOVA ORTOGRAFIA



"O HOMEM disse que tinha de ir embora – antes queria me ensinar uma coisa muito importante:

— Você quer conhecer o segredo de ser um menino feliz para o resto de sua vida?

— Quero – respondi.

O segredo se resumia em três palavras, que ele pronunciou com intensidade, mãos nos meus ombros e olhos nos meus olhos:

— Pense nos outros."

"O menino e o homem", *O menino no espelho*

A literatura brasileira ganha um novo personagem. Tom Sawyer, Mogli, Alice, Gulliver, Pinóquio e o Pequeno Príncipe têm um companheiro entre nós: o menino Fernando, que vem a ser o próprio autor, a viver todas as fantasias de sua infância em aventuras mirabolantes. Ensina uma galinha a conversar, aprende a voar com os pássaros, fica invisível, encontra-se com Tarzã e Mandrake, visita o Sítio do Picapau Amarelo. E, no menino que vê refletido no espelho, descobre o melhor de si mesmo, a projeção do ideal de pureza que só uma criança pode alcançar – simbolizada, de maneira luminosa, na libertação dos passarinhos.

Um mundo mágico de surpresa e deslumbramento, desvendado por Fernando Sabino com maestria – um romance para ser lido, com igual encantamento, por meninos e adultos.

"QUANDO eu era menino, os mais velhos perguntavam:

— O que você quer ser quando crescer?

Hoje não perguntam mais. Se perguntassem, eu diria que quero ser menino."

"O homem e o menino", *Fernando Sabino*

Desde criança ele já achava que a verdade está muito além da realidade. Nossos sentidos são

## O menino no espelho

EDUCAR LIVROS  
Luciane Brilhante  
Consultora  
divulgacao@educarlivros.com.br  
Fone: (12) 9111-1800



O menino  
no espelho

EDUCAR LIVROS  
Livraria Educar  
Rua...  
1911



fernando  
**Sabino**

*O menino  
no espelho*

*O que você quer ser quando crescer?*

107ª edição

  
**EDITORA RECORD**  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO  
2017

CIP-Brasil. Catalogação na fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Sabino, Fernando, 1923-2004  
5121m O menino no espelho: romance / Fernando Sabino -  
107ª ed. 107ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2017.  
176 p.: il; 21 cm

ISBN 978-85-01-91550-4

1. Romance brasileiro. I. Título.

82-0684 CDD - 869.93  
CDU - 869.0(81)-31

Capa: Victor Burton  
Ilustrações de miolo: CARLOS SCLiar

Proibida a reprodução integral ou parcial em livro ou qualquer  
outra forma de publicação sem autorização expressa do autor.  
Reservados todos os direitos de tradução e adaptação.  
Copyright © 1989 by Fernando Sabino.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

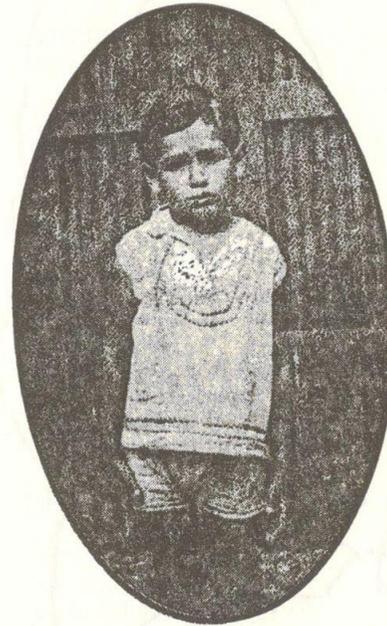
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.  
Rua Argentina, 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: (21) 2585-2000

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-01-91550-4

Seja um leitor preferencial Record.  
Cadastre-se em [www.record.com.br](http://www.record.com.br) e receba informações  
sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:  
[mdireto@record.com.br](mailto:mdireto@record.com.br) ou (21) 2585-2002.



O autor, à época dos acontecimentos  
narrados neste romance.



## SUMÁRIO

### PRÓLOGO

O Menino e o Homem / 15

### CAPÍTULO I

Galinha ao Molho Pardo / 21

### CAPÍTULO II

O Canivetininho Vermelho / 35

### CAPÍTULO III

Como Deixei de Voar / 53

### CAPÍTULO IV

O Mistério da Casa Abandonada / 65

### CAPÍTULO V

Uma Aventura na Selva / 79

### CAPÍTULO VI

O Valentão da Minha Escola / 97

### CAPÍTULO VII

O Menino no Espelho / 111

### CAPÍTULO VIII

Minha Glória de Campeão / 123

### CAPÍTULO IX

Nas Garras do Primeiro Amor / 135

### CAPÍTULO X

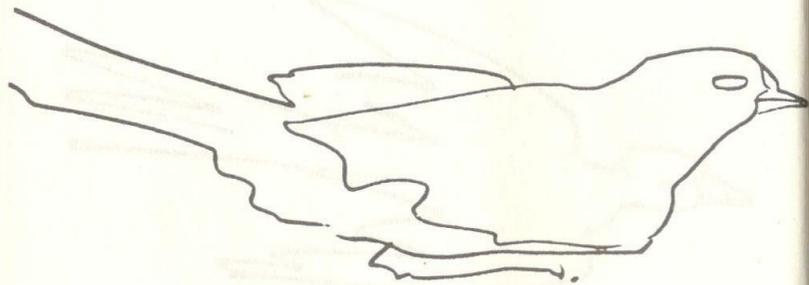
A Libertação dos Passarinhos / 149

### EPÍLOGO

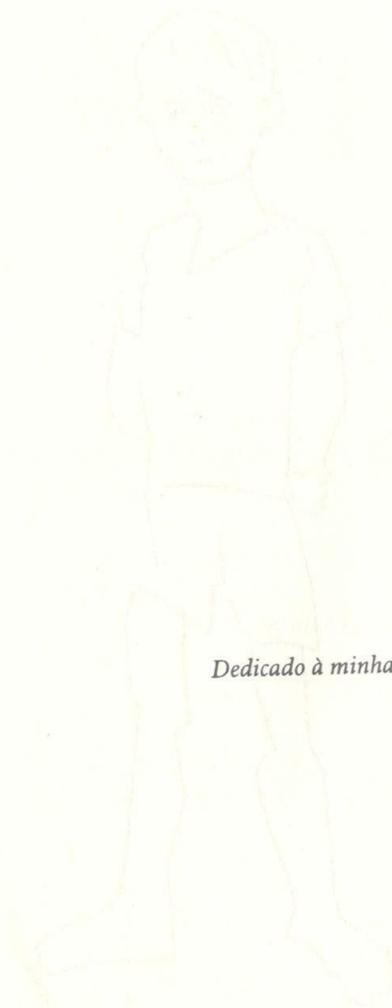
O Homem e o Menino / 165

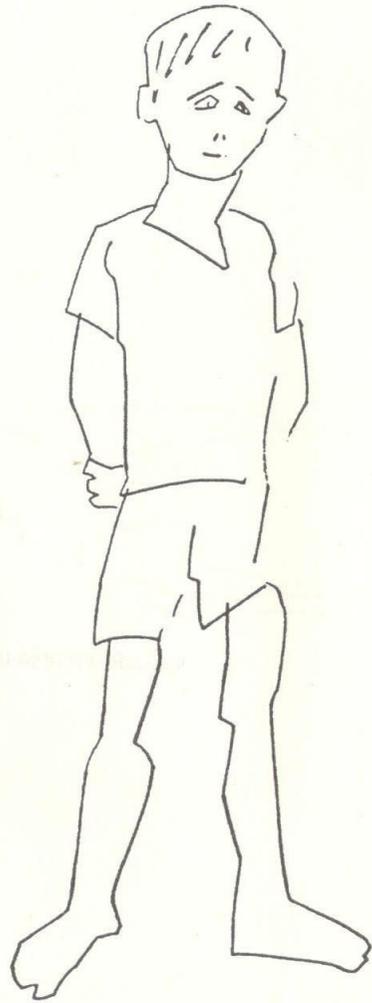
SOBRE O AUTOR / 171





*Dedicado à minha irmã Berenice*





*"O menino é o pai do homem."*

WILLIAM WORDSWORTH



## PRÓLOGO

### O MENINO E O HOMEM

QUANDO CHOVIA, no meu tempo de menino, a casa virava um festival de goteiras. Eram pingos do teto ensopando o soalho de todas as salas e quartos. Seguia-se um corre-corre dos diabos, todo mundo levando e trazendo baldes, bacias, panelas, penicos e o que mais houvesse para aparar a água que caía e para que os vazamentos não se transformassem numa inundação. Os mais velhos ficavam aborrecidos, eu não entendia a razão: aquilo era uma distração das mais excitantes.

E me divertia a valer quando uma nova goteira aparecia, o pessoal correndo para lá e para cá, e esvaziando as vasilhas que transbordavam. Os diferentes ruídos das gotas d'água retinindo no vasilhame, acompanhados do som oco dos passos em atropelo nas tábuas largas do chão, formavam uma alegre melodia, às vezes enriquecida pelas sonoras pancadas do relógio de parede dando horas.

Passado o temporal, meu pai subia ao forro da casa pelo alçapão, o mesmo que usávamos como entrada para a reunião da nossa sociedade secreta. Depois de examinar o telhado,

descia, aborrecido. Não conseguia descobrir sequer uma telha quebrada, por onde pudesse penetrar tanta água da chuva, como invariavelmente acontecia. Um mistério a mais, naquela casa cheia de mistérios.

O maior, porém, ainda estava por se manifestar.

NAQUELE DIA, assim que a chuva passou, fui como sempre brincar no quintal. Descalço, pouco me incomodando com a lama em que meus pés se afundavam, gostava de abrir regos para que as poças d'água, como pequeninos lagos, escorressem pelo declive do terreiro, formando o que para mim era um caudaloso rio. E me distraía fazendo descer por ele barquinhos de papel, que eram grandes caravelas de piratas.

Desta vez, o que me distraiu a atenção foi uma fila de formigas a caminho do formigueiro, lá perto do bambuzal, e que o rio aberto por mim havia interrompido. As formiguinhas iam até a margem e, atarantadas, ficavam por ali procurando um jeito de atravessar. Encostavam a cabeça umas nas outras, trocando ideias, iam e vinham, sem saber o que fazer. Algumas acabavam tão desorientadas com o imprevisto obstáculo à sua frente que recuavam caminho, atropelando as que vinham atrás e estabelecendo na fila a maior confusão.

Do outro lado, entre as que já haviam passado, reinava também certa confusão. Enquanto as que iam mais à frente prosseguiam a caminhada até o formigueiro, sem perceber o que acontecia à retaguarda, as ainda próximas do rio ficavam indecisas, indo e vindo por ali, junto à margem, pensando uma forma qualquer de ajudar as outras a atravessar.

Resolvi colaborar, apelando para os meus conhecimentos de engenharia. Em poucos instantes construí uma ponte com um pedaço de bambu aberto ao meio, e procurei orientar para ela, com um pauzinho, a fila de formigas.

Estava empenhado nisso, quando senti que havia alguém em pé atrás de mim. Uma voz de homem, que soou familiar aos meus ouvidos, perguntou:

— Que é que você está fazendo?

Sem me voltar, tão entretido estava com as formigas, expliquei o que se passava. Logo consegui restabelecer o tráfego delas, recompondo a fila através da ponte. O homem se agachou a meu lado, dizendo que várias formigas seguiam por um caminho, uma na frente de duas, uma atrás de duas, uma no meio de duas. E perguntou:

— Quantas formigas eram?

Pensei um pouco, fazendo cálculos. Naquele tempo eu achava que era bom em aritmética: uma na frente de duas faziam três; uma atrás de duas eram mais três; uma no meio de duas, mais três.

— Nove! — exclamei, triunfante.

Ele começou a rir e sacudiu a cabeça, dizendo que não: eram apenas três, pois formiga só anda em fila, uma atrás da outra. Então perguntei a ele o que é que cai em pé e corre deitado.

— Cobra? — ele arriscou, enrugando a testa, intrigado.

Foi a minha vez de achar graça:

— Que cobra que nada! É a chuva — e comecei a rir também.

— Você sabe o que é que caindo no chão não quebra e caindo n'água quebra?

— Sei: papel.

Gostei daquele homem: ele sabia uma porção de coisas que eu também sabia. Ficamos conversando um tempão, sentados na beirada da caixa de areia, como dois amigos, embora ele fosse cinquenta anos mais velho do que eu, segundo me disse. Não parecia. Eu também lhe contei uma porção de coisas. Falei na minha galinha Fernanda, nos milagres que um dia andei fazendo, e de como aprendi a voar como os pássaros, e a minha aventura de escoteiro perdido na selva, as espionagens e investigações da sociedade secreta Olho de Gato, o sócia que retirei do espelho, o Birica, valentão da minha escola, o dia em que me sagrei campeão de futebol, o meu primeiro amor, o capitão Patifaria, a passarinhada que Mariana e eu soltamos. Pena que minha amiga não estivesse por ali, para que ele a conhecesse. Levei-o a ver o Godofredo em seu poleiro:

— Fernando! — berrou o papagaio, imitando mamãe: — Vem pra dentro, menino! Olha o sereno!

Hindemburgo apareceu correndo, a agitar o rabo. Para surpresa minha, nem o homem ficou com medo do cachorrão, nem este o estranhou; parecia feliz, até lambeu-lhe a mão. Depois mostrei-lhe o Pastoff no fundo do quintal, mas o coelho não queria saber de nós, ocupado em roer uma folha de couve.

O homem disse que tinha de ir embora — antes queria me ensinar uma coisa muito importante:

— Você quer conhecer o segredo de ser um menino feliz para o resto da sua vida?

— Quero — respondi.

O segredo se resumia em três palavras, que ele pronunciou com intensidade, mãos nos meus ombros e olhos nos meus olhos:

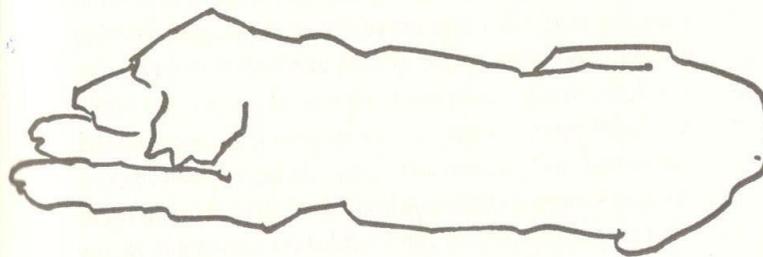
— Pense nos outros.

Na hora achei esse segredo meio sem graça. Só bem mais tarde vim a entender o conselho que tantas vezes na vida deixei de cumprir. Mas que sempre deu certo quando me lembrei de segui-lo, fazendo-me feliz como um menino.

O homem se curvou para me beijar na testa, se despedindo:

— Quem é você? — perguntei ainda.

Ele se limitou a sorrir, depois disse adeus com um aceno e foi-se embora para sempre.



## CAPÍTULO I

### GALINHA AO MOLHO PARDO

**A**O CHEGAR DA ESCOLA, dei com a novidade: uma galinha no quintal.

O quintal de nossa casa era grande, mas não tinha galinheiro, como quase toda casa de Belo Horizonte naquele tempo. Tinha era uma porção de árvores: um pé de manga sapatinho, outro de manga coração-de-boi, um pé de gabioba, um de goiaba branca, outro de goiaba vermelha, um pé de abacate e até um pé de fruta-de-conde. No fundo, junto do muro, um bambuzal. De um lado, o barracão com o quarto da Alzira cozinha e um quartinho de despejo. Do outro lado, uma caixa de madeira grande como um canteiro, cheia de areia que papai botou lá para nós brincarmos. Eu brincava de fazer túnel, de guerra com soldadinhos de chumbo, trincheira e tudo. Deixei de brincar ali quando começaram a aparecer na areia uns montinhos fedorentos de cocô de gato. Os gatos quase nunca apareciam, a não ser de noite, quando a gente estava dormindo. De dia se escondiam pelos telhados. Tinham medo de Hindemburgo, que era mesmo de meter medo, um pastor-

alemão deste tamanho. Não sabiam que Hindemburgo é que tinha medo deles. Cachorro com medo de gato: coisa que nunca se viu. Quando via um gato, Hindemburgo metia o rabo entre as pernas e fugia correndo.

Pois foi no quintal que eu vi a galinha, toda folgada, cis-cando na caixa de areia. Havia sido comprada por minha mãe para o almoço de domingo: Dr. Junqueira ia almoçar em casa e ela resolveu fazer galinha ao molho pardo.

Eu já tinha visto a Alzira matar galinha, uma coisa horrível. Agarrava a coitada pelo pescoço, agachava, apertava o corpo dela entre os joelhos, torcia com a mão esquerda a cabecinha assim para um lado, e com a direita, zapt! passava o facão afiado, abrindo um talho no gogó. O sangue esguichava longe. Ela aparava logo o esguicho com uma bacia, deixando que escorresse ali dentro até acabar. E a bichinha ainda viva, estrebuchando nas mãos da malvada.

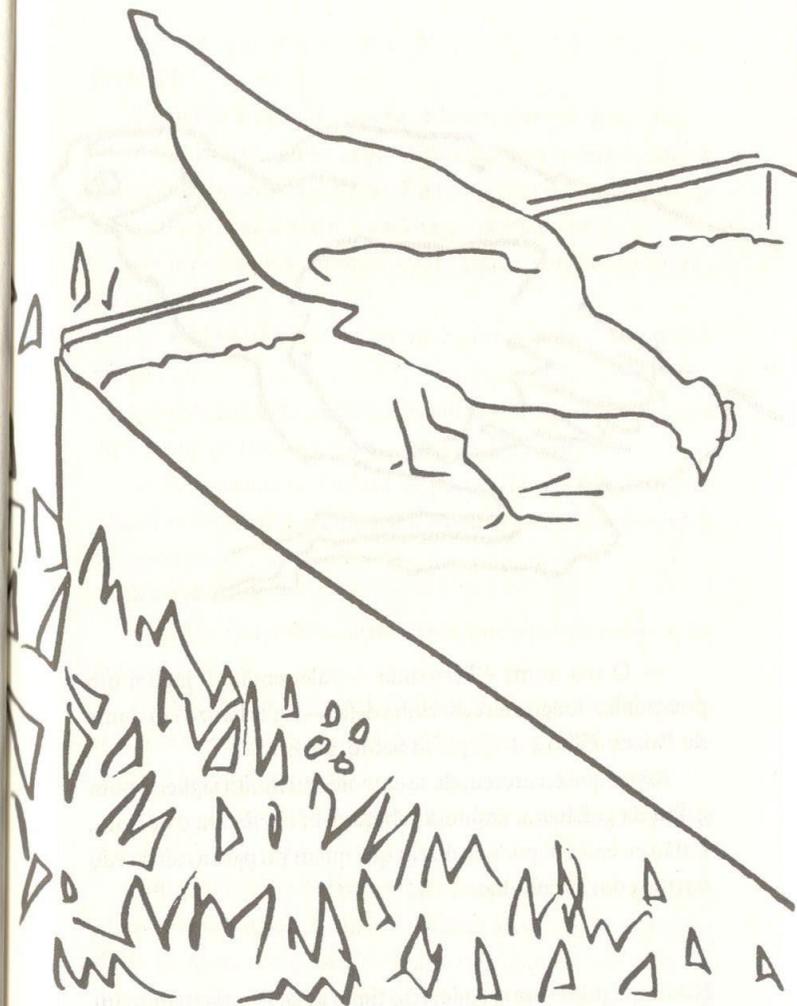
Como se fosse a coisa mais natural deste mundo, a Alzira me contou o que ia acontecer com a nova galinha.

Revoltado, resolvi salvá-la.

Eu sabia que o Dr. Junqueira era importante, meu pai dependia dele para uns negócios. Pois no que dependesse de mim, no domingo ele ia poder comer de tudo, menos galinha ao molho pardo.

Era uma galinha branca e gorda, que não me deu muito trabalho para pegar. Foi só correr atrás dela um pouco, ficou logo cansada. Agachou-se no canto do muro, me olhou de lado como as galinhas olham e se deixou apanhar.

Não sei se percebeu que eu não ia lhe fazer mal. Pelo contrário, eu pretendia salvar a sua vida. O certo é que em poucos minutos ficou minha amiga, não fugiu mais de mim.





— O seu nome é Fernanda — falei então. E joguei um pouquinho de água na cabecinha dela: — Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, amém.

Assim que escureceu, ela se empoleirou muito fagueira num galho da goiabeira, enfiou a cabeça debaixo da asa e dormiu. Então eu entendi por que dizem que quem vai para a cama cedo dorme com as galinhas.

NO DIA seguinte era sábado, não tinha aula. Passei o tempo inteiro brincando com ela. Levei horas lhe ensinando a responder sim e não com a cabeça:

— Você sabe o que eles estão querendo fazer com você, Fernanda?

Ela mexia a cabecinha para os lados, dizendo que não.

— Pois nem queira saber. Cuidado com a Alzira, aquela magrela de pernas compridas. É a nossa cozinheira. Ruim que só ela. Não deixa a Alzira nem chegar perto de você.

Ela mexia com a cabecinha para cima e para baixo, dizendo que sim.

— Estão querendo matar você para comer. Com molho pardo.

Os olhinhos dela piscaram de susto. O corpo estremeceu e ali mesmo, na hora, ela botou um ovo. De puro medo.

— Mas eu não vou deixar — procurei tranquilizá-la, apanhando o ovo com cuidado, para enterrar na areia depois e ver se nascia pinto.

E acrescentei:

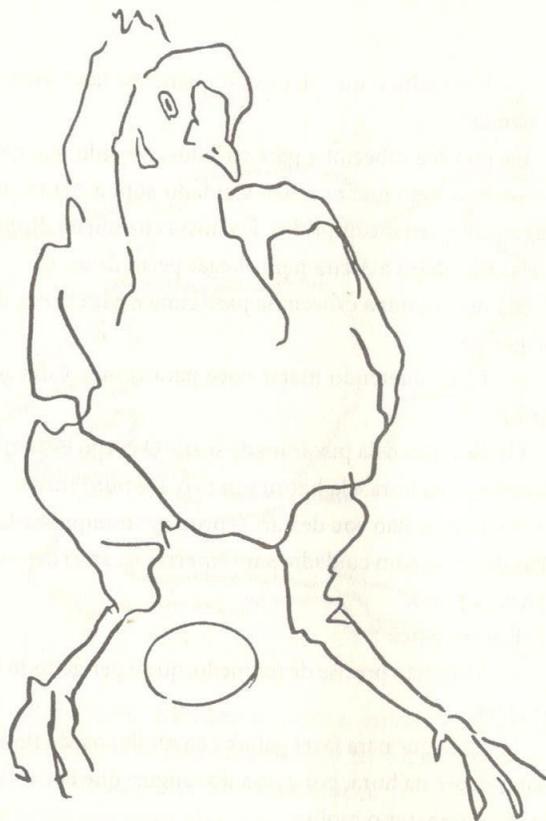
— Hoje não precisa de ter medo, que o perigo todo vai ser amanhã.

Eu sabia que para fazer galinha ao molho pardo tinham de matar quase na hora, por causa do sangue, que era aproveitado para preparar o molho.

— Vou esconder você num lugar que ninguém é capaz de descobrir.

Junto do tanque de lavar roupa costumava ficar uma bacia grande de enxugar. A Maria lavadeira só ia voltar na segunda-feira. Antes disso ninguém ia mexer naquela bacia. Assim que escureceu, escondi a Fernanda debaixo dela. Fiquei com pena de deixar a coitada ali sozinha:

— Você se importa de ficar ai debaixo até passar o perigo?



Ela fez com a cabeça que não.

— Então fica bem quietinha e não canta nem cacareja nem nada. Principalmente se ouvir alguém andando aqui fora.

Ela fez com a cabeça que sim.

— Amanhã, assim que puder eu volto. Dorme bem, Fernanda.

Naquela noite, para que ninguém desconfiasse, jantei mais cedo e fui dormir com as galinhas.

NA MANHÃ de domingo me levantei bem cedo e fui dar uma espiada na Fernanda. Encontrei a pobrezinha mais morta do que viva debaixo da bacia. Mais um pouco e nem ia ser preciso a Alzira usar o facão. Não sei se por falta de ar, por causa da fome, da sede ou de tudo isto junto: ela estava deitada de bico aberto e os olhos meio fechados de quem já desistiu de viver.

Água era fácil, eu trouxe um pouco numa tigelinha, despejei pelo bico adentro e ela se reanimou.

Mas como arranjar comida sem chamar a atenção de ninguém? Ainda não tinham notado a falta da galinha, nem mesmo pensado em trazer alguma coisa para ela comer. Que diferença fazia? Se ia ser comida naquele dia mesmo?

O jeito foi furtar um pouco do milho do Godofredo, que no seu poleiro, correntinha presa no pé, acompanhava tudo com ar intrigado. A galinha come milho e o papagaio leva a fama! — ele parecia dizer. No que tirei o milho, disparou a berrar:

— Socorro! Socorro! Pega ladrão!

O diabo do papagaio não gostava de mim, eu sabia. Era do Toninho, meu irmão, a quem dava o pé, todo lampeiro, e ainda abaixava a cabecinha para um cafuné. Ai de mim, se quisesse fazer o mesmo: me pespegava uma bicada na mão.

— Cala a boca, Godofredo.

— Cala a boca já morreu! Quem manda aqui sou eu!

Joguei na cara dele o resto da água da tigelinha:

— Toma, seu desgraçado, para você aprender.

— Socorro! Socorro! Pega ladrão! — berrava ele, batendo as asas.

Tamanho foi o escarcéu que o Godofredo aprontou, que acabou caindo do poleiro e ficou pendurado pelo pé. Foi o

tempo de esconder a Fernanda debaixo da bacia e me escafeder correndo pelo porão adentro. A Alzira já batia os chinelos esca- cada abaixo com suas pernas compridas, faca na mão, à pro- cura da galinha. Ao ouvir aquele berreiro, veio ver o que estava acontecendo:

— Que é que esse bicho tem? Não fala nada que preste e de repente destampa essa gritaria toda!

O papagaio tentava com muito esforço voltar ao polei- ro, subindo com a ajuda do bico pela própria correntinha e se balançando de um lado para outro. Olhava com raiva para a cozinheira, como a dizer: essa miserável nem para me dar uma mãozinha. Ela também não achava lá muita graça no Godofredo. Dizia que ele não servia para nada, só sabia su- jar de titica o chão todo debaixo do poleiro, e ela é que ti- nha de limpar.

— Que é que você quer, coisa ruim? Quem é que é ladrão?

O bicho tinha conseguido com muita dificuldade em- poleirar-se de novo, depois de despencar algumas vezes.

Ofegante, entortou a cabecinha e encarou a cozinheira:

— Sua galinha! Sua galinha!

O Godofredo já havia xingado a Alzira de nomes feios, de modo que ela achou desaforo ser chamada de galinha. E res- pondeu no mesmo tom, brandindo o facão para o papagaio:

— Galinha é você! Galinha verde!

Lá do fundo escuro do porão, onde tinha ido me esconder, vi a Alzira olhar ao redor:

— Por falar nisso, onde é que se meteu a galinha?

Apavorado, ouvi o Godofredo gritar, com sua voz de cur- rupaco-papaco:

— Na bacia! Na bacia!



Além do mais, era delator, o miserável. Dedo-duro, traidor entregava ao carrasco o seu próprio semelhante (ou quase). Antes que fosse tarde, sai do meu esconderijo lá no porão, como quem não quer nada, vim me sentar na própria bacia.

— Vai, que é que você estava fazendo ali escondido, Fernando?

— Nada não...

A cozinheira me olhava com ar de suspeita:

— Boa coisa é que não há de ser. Alguma esse menino anda arrumando, com esse ar de cachorro que quebrou a panela.

— Na bacia! Na bacia! — o Godofredo berrava.

— Cala essa boca, seu filhote de urubu! — gritei

— Na bacia! Na bacia! — ele continuava.

— Que é que esse tagarela está falando? — perguntou a Alzira.

— Está te chamando de nabacinha.

— Nabacinha? Que quer dizer isso?

— Quer dizer vagabunda — respondi, a cara mais séria deste mundo.

A Alzira arregalou os olhos, ergueu no ar o facão:

— Vagabunda? Está me chamando de vagabunda? Nabacinho é você, seu bicho ordinário! Não sei onde estou que não te corto o pescoço, asso no espeto e como, ouviu? E ainda chupo os ossinhos um por um!

Ela correu de novo os olhos em torno:

— Por falar em comer: quêde a galinha? Já está na hora de fazer o almoço. Ondê é que ela se meteu?

— Não sei...

— Você não estava brincando com ela ontem, menino?

— Isso foi ontem. Hoje eu não vi ela ainda.

— Será que fugiu? Ou alguém roubou?

E ela olhou para o papagaio, cismada agora com o silêncio dele:

— Vai ver que é por isso que esse nabacinho de uma figa estava gritando pega ladrão. Algum ladrão de galinha.

Agarrei a ideia no ar, era a salvação:

— Isso mesmo! Quando eu estava ali no quintal vi um homem passar correndo... Levava uma coisa escondida embaixo do paletó. Só podia ser a galinha.

A Alzira não parecia acreditar muito na história. Pelo contrário, ficou mais desconfiada. E naquele exato momento a Fernanda resolve se mexer debaixo da bacia, fazendo um barulhinho na lata com o bico e com os pés. Continuei sentado e, para disfarçar, comecei a bater com os dedos na bacia como se tocasse tambor. A galinha deve ter entendido, pois logo ficou quieta. Mas a Alzira continuava com ar de desconfiança:

— Esse menino está com um jeito muito velhaco. Sei não... Alguma ele andou fazendo.

E saiu pelo quintal, à procura da galinha, olhando aqui e ali: nos galhos das árvores, atrás do barracão, no meio dos bambus. Depois foi contar para mamãe que a galinha havia sumido.

Fui atrás, para o que desse e viesse. Escutei tudo. Mamãe torcia as mãos:

— E agora, como vai ser? Como é que ela foi sumir assim, sem mais nem menos?

— Sei lá — respondeu a Alzira: — Não acredito que tenham roubado, como diz o Fernando. Vai ver que saiu voando e pulou o muro. Bem que eu pensei em cortar as asas dela e me esqueci. Agora é tarde.

E a cozinheira me apontou:

— Para mim, a gente anda precisando de cortar as asas é desse menino.

— Está quase na hora do almoço — disse minha mãe. — O Dr. Junqueira está para chegar de uma hora para outra, e como é que a gente vai fazer sem a galinha? O Domingos vai ficar aborrecido.

Dali a pouco era o meu pai quem chegava da rua, trazendo o jornal de domingo debaixo do braço. Quando mamãe lhe deu a triste notícia, para surpresa minha e dela, ele não se aborreceu:

— Faz outra coisa. Macarrão, por exemplo. O Dr. Junqueira é bem capaz de gostar de macarrão.

E foi ler o jornal na varanda.

Filho de italiano, quem gostava de macarrão era ele. E da macarronada que a Alzira fazia todo mundo gostava.

Pois o Dr. Junqueira não só gostou, como repetiu duas vezes, para grande satisfação de mamãe. Papai abriu uma garrafa de vinho daquelas de cestinha de palha, e os dois a esvaziaram, depois de dar um pouquinho para mim e meus irmãos, com água e açúcar. Guardanapo enfiado no colarinho, o Dr. Junqueira limpou os bigodes, satisfeito:

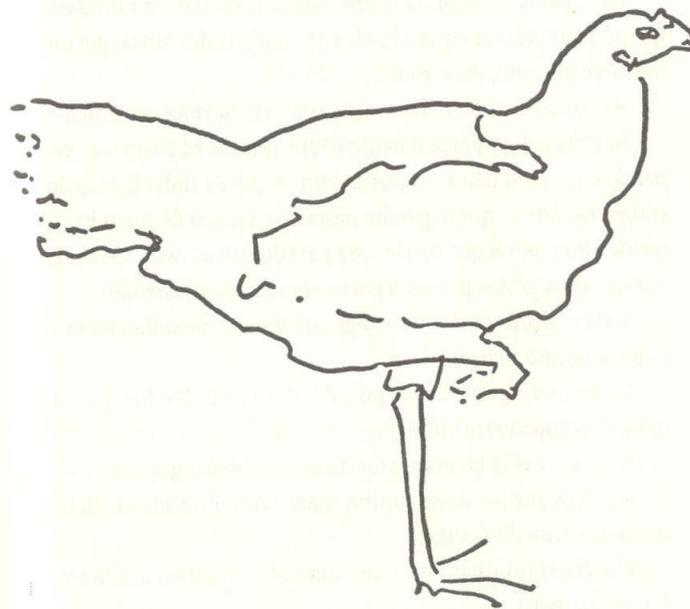
— Ainda bem que era essa macarronada tão boa. Eu estava com medo que fosse galinha. Se tem uma coisa que eu detesto é galinha. Principalmente ao molho pardo.

NEM POR ISSO senti que minha amiga Fernanda não estava mais condenada à morte. Mesmo porque, meu pai gostava também de galinha, com ou sem o Dr. Junqueira. Por outro lado, ela não podia ficar escondida o resto da vida (eu não tinha a menor ideia de quanto tempo vivia uma galinha). E na manhã seguinte a Maria viria lavar roupa, ia descobrir a Fernanda encolhida debaixo da bacia.

Depois que o almoço terminou e o Dr. Junqueira se despediu, fui lá perto do tanque fazer uma visitinha a ela, resolvido a ganhar tempo:

— Você hoje ainda vai dormir ai, mas amanhã eu te solto, está bem?

Ela fez que sim com a cabeça. Deixei água na tigelinha e mais um pouco de milho furtado de novo do Godofredo. Antes que o diabo do papagaio pusesse a boca no mundo eu avisei:



— Se você falar alguma coisa, mando a Alzira fazer papagaio ao molho pardo para o jantar.

Ele fez cara de quem comeu e não gostou, mas ficou calado, vai ver que pensando um jeito de se vingar.

De manhãzinha, antes que a Maria lavadeira chegasse, fui até lá, levantei a bacia e peguei a Fernanda, procurei mamãe com ela debaixo do braço:

— Olha só quem está aqui.

Mamãe se espantou:

— Uai, ela não tinha sumido? Onde é que você encontrou essa galinha, Fernando?

De repente seus olhos se apertaram num jeito muito dela, quando entendia as coisas: havia entendido tudo. Antes que me passasse um pito, eu avisei:

— Se tiverem de matar a minha amiga, me matem primeiro.

Mamãe achou graça quando soube que ela se chamava Fernanda e resolveu não se importar com o que eu tinha feito, pelo contrário: deixou que a galinha passasse a ser um de meus brinquedos. Só proibiu que eu a levasse para dentro de casa. Fernanda me seguia os passos por toda parte, como um cachorrinho.

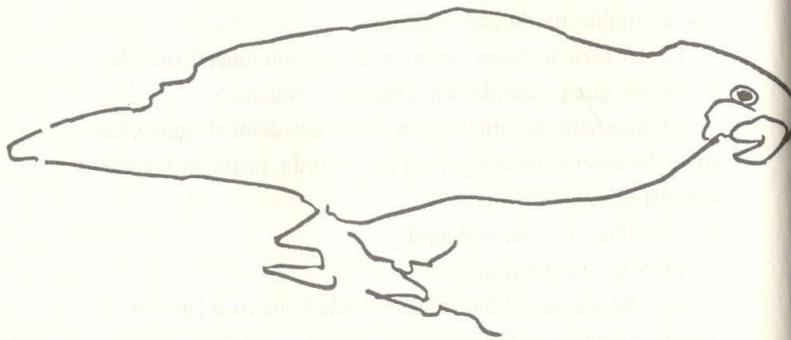
E ela continuou minha amiga, até morrer de velha, não sei quanto tempo mais tarde.

Só sei que alguns dias depois do almoço do Dr. Junqueira, mamãe comprou um frango.

— Esse vai se chamar Alberto — eu disse logo.

— Pois sim — disse minha mãe, e mandou que a Alzira tomasse conta do frango.

No dia seguinte mesmo, no almoço, comemos o Alberto. Ao molho pardo.



## CAPÍTULO II

### O CANIVETINHO VERMELHO

**T**ODA SEMANA EU GANHAVA de minha mãe dois mil-réis para ir ao cinema. Dava para pagar a entrada, o bonde na ida e na volta, e ainda sobrava para comprar um picolé (ou um saco de pipocas).

Eu costumava assistir aos domingos, na matinê do cinema Avenida, a animada sessão de banguê-banguê. A molecada vibrava assim que as luzes se apagavam, preparando-se para acompanhar as cenas mais emocionantes, com uma gritaria de fazer o cinema vir abaixo.

Naquele dia, quando entrei, a fita já havia começado. Não vi os letreiros do princípio, de modo que não cheguei a saber nem como se chamava. Estranhei o silêncio ali dentro, como se não houvesse ninguém na plateia. Depois de me ajeitar no escuro, procurei prestar atenção na tela.

Não sei por que diabo passavam naquele dia um filme diferente, sem bandido nem mocinho, tiroteios ou perseguições a cavalo. Era uma história esquisita, meio difícil de entender, passada na Inglaterra: a de um homem que fazia milagres.



Estavam ele e mais dois companheiros num bar, discutindo sobre a existência ou não de milagres. Depois que os outros foram embora, o homem, já meio tonto de tanta cerveja que havia tomado, levanta a cabeça tombada na mesa e fala, apontando o lustre do bar:

— Milagre para mim é se aquele lustre virasse de cabeça para baixo.

Na mesma hora o lustre vira de cabeça para baixo.

Ele fica impressionado com aquilo, sai do bar e vai cambaleando pela rua, apoiado na sua bengala. De repente a bengala fica presa pela ponta num ralo de bueiro, em pé sem que ele a segure, como se fosse uma árvore. Então ele ordena, a rir:

— Pois que vire logo uma árvore!

Na mesma hora a bengala se transforma numa árvore, cada vez mais alta, cheia de galhos que crescem para cima e para os lados. Ele ri às gargalhadas do milagre que acabou de fazer, quando surge um guarda no maior espanto:

— Que árvore é essa aí, que não tinha antes?

Ao ver o homem, acha suspeito o jeito dele, resolve prendê-lo porque parece embriagado. Mas o homem se livra do guarda com um safanão, falando:

— Vai para o inferno!

O guarda sobe feito um foguete em direção ao inferno (apesar do inferno, naturalmente, ser para baixo). Ele mal tem tempo de corrigir, com pena do guarda:

— Para o inferno não! Para a Califórnia!

Aí o filme mostra uma confusão dos diabos no trânsito de uma cidade da Califórnia, nos Estados Unidos, acho que Los Angeles. Os guardas americanos abrem caminho para ver o que está acontecendo, e encontram um policial inglês solene e

empertigado, farda preta e capacete alto, que tenta comandar o tráfego, perdido no meio dos automóveis.

No dia seguinte o homem, que trabalha numa loja de fazendas, recebe ordem do patrão para que não vá embora enquanto não arrumar tudo direitinho. Ele passou o dia desenrolando peças de fazenda para mostrar às freguesas, e agora estão todas as peças espalhadas, na maior desarrumação. Sozinho na loja, cansado, doido para ir embora, olha desanimado ao redor, quando se lembra do poder de fazer milagres.

Foi só bater palmas mandando que tudo voltasse ao seu lugar, e as peças de fazenda começam a se enrolar sozinhas, voando até encontrar seus lugares nas prateleiras. E a loja fica arrumadinha.

Depois de mil e uma peripécias, o homem que faz milagres resolve usar o seu poder para consertar o mundo logo de uma vez, acabar com as guerras e as injustiças, fazer com que todos os países vivam em paz. Então convoca para uma reunião os reis, presidentes, ministros, generais, todos os que mandam nos povos do mundo inteiro. Bastava pensar nesse ou naquele, e cada um ia aparecendo.

Quando estão todos reunidos, o homem que faz milagres ordena que eles acabem com os desentendimentos de uma vez por todas, façam as pazes e não briguem mais.

Mas eles não estão de acordo com aquilo, começam a discutir, ninguém se entende, e o homem acaba perdendo a paciência:

— Já que vocês não se emendam — grita ele — então que este mundo acabe de uma vez!

No que fala isto, o mundo se abre como se tivesse explodido. Todos saem voando pelos ares, entre casas, automóveis, árvores, vacas e tudo mais. Rolando no espaço, desesperado, o homem ainda tem tempo de pedir:

— Que tudo volte a ser como era antes do primeiro milagre!

Na mesma hora ele se vê no bar, levantando a cabeça da mesa e olhando para o lustre:

— Milagre para mim é se aquele lustre virasse de cabeça para baixo.

O lustre continua imóvel, sem se mexer. E o filme acaba.

FUI PARA CASA impressionado com a história dos milagres. De noite, na cama, continuei pensando no filme, sem conseguir dormir. O que me intrigava era a espécie de milagres que o homem pedia: tudo bobagem, a bengala virar árvore, salvar o mundo, coisas assim. Comigo, seria diferente. Eu haveria de pedir outros milagres. Como, por exemplo...

— Apaga essa luz que eu quero dormir.

Era o Toninho. Dormíamos no mesmo quarto. Mais velho do que eu, já estudava no turno da manhã, tinha de acordar cedo. Era assim quase toda noite: eu gostava de ler antes de dormir, e ele pedindo que apagasse a luz. O botão ficava perto da minha cama.

E então aconteceu.

A luz se apagou sozinha, quando olhei para ela como fez o homem no filme e experimentei ordenar que se apagasse. Não precisei pronunciar uma única palavra: foi só pensar e ela se apagou.

Toninho, virado para o outro lado, não chegou a perceber nada. Certamente achou que eu me levantei e fui até a parede apagar a luz, como fazia sempre.

Fiquei deslumbrado: quer dizer que eu também podia fazer milagres! Para tirar qualquer dúvida, ordenei mentalmente que a luz se acendesse de novo. E ela se acendeu.

— Que brincadeira é essa? — exclamou o Toninho, virando-se na cama, os olhos cheios de sono: — Fica acendendo e apagando a luz! Apaga de uma vez!

Para que ele não desconfiasse, tornei a apagar a luz, desta vez por mim mesmo, sem milagre nenhum.

Nem voltei para a cama. De pé, no escuro, mandei que a noite se acabasse e o dia nascesse de uma vez. E vi pela janela o céu começar a clarear rapidamente, o sol subindo no horizonte como um balão. Toninho se ergueu na cama, esfregando os olhos:

— Puxa, como eu dormi! Já deve ser tarde, vai ver que perdi a hora.

E vestiu correndo o uniforme do colégio.

Depois de me vestir também, saí para o quintal, disposto a iniciar a minha vida de milagres. O primeiro que fiz foi ao dar com a Fernanda:

— Gosto tanto de você, Fernanda, que vou fazer aparecer uma porção de galinhas iguais a você aqui no quintal.

No mesmo instante o quintal se encheu de galinhas, todas parecidas, a ponto de eu não saber qual era a Fernanda. Eram todas do mesmo tamanho e da mesma cor. Naquele momento a Alzira cozinheira surgiu na escada da cozinha para bisbilhotar, como fazia sempre, e depois ir contar para mamãe. Esbugalhou os olhos, levantou os braços e quase caiu

para trás, ao ver tanta galinha. Embarafustou-se pela casa adentro, a gritar:

— Dona Odete! Acode, dona Odete! Vem ver uma coisa!

Sem perda de tempo, mandei que as galinhas sumissem, só ficasse a Fernanda. Quando a Alzira voltou, acompanhada de mamãe, só havia uma galinha ciscando distraída na caixa de areia, como de hábito.

— Onde é que você viu tanta galinha, Alzira? Ficou maluca? — e minha mãe sorriu, balançando a cabeça.

A Alzira olhava o quintal, com cara mesmo de maluca:

— Eram mais de mil! Agorinha mesmo, não faz nem um minuto! Eu vi! Juro pelo que há de mais sagrado!

Resolvi pensar um pouco, antes de fazer outras proezas. O meu poder tinha de ser bem aproveitado. Eu não sabia se ia usá-lo o tempo que quisesse ou só para certo número de milagres. O jeito era usar o próprio poder para ficar sabendo.

— Quantos milagres eu posso fazer? Dura o tempo todo, esse poder, ou acaba de uma hora para outra?

Ninguém me respondeu. Não havia ninguém mesmo para responder, a não ser o Godofredo, e que é que um papagaio entende de milagres? Eu não sabia nem mesmo a quem me dirigir. Se fosse Deus que tivesse me dado aquele poder, Ele também não respondeu. Com certeza não estava querendo se comprometer.

— Então está bem — concluí: — Vamos tirar o melhor proveito disso.

UM DOS SONHOS da minha vida era ter em casa uma piscina. Tinha aprendido a nadar, já havia disputado mesmo uma

competição na piscina do Minas Tênis Clube, categoria de petiz, pretendia me tornar campeão, nadando no mínimo tão bem como Tarzã. Gostava também de mergulhar, embora achasse que o fôlego mal dava para a gente se distrair debaixo d'água, não mais que um minuto e pouco. Agora, poderia fazer o milagre de ficar sem respirar o tempo que quisesse.

E mais: sempre imaginei uma piscina que tivesse numa de suas paredes um túnel para, através dele, chegar a um esconderijo que fosse só meu, um lugar que só eu soubesse existir. Uma espécie de salão subterrâneo sem outra entrada que não fosse pelo túnel debaixo d'água. Lá dentro eu teria todas as coisas de que mais gostava: meus brinquedos, meus livros, meu futebol de botão, minhas bolas de gude, minha coleção de selos, de figurinhas, de marcas de cigarro. Tudo ali era automático: bastava apertar um botão e se abria uma janelinha na parede, aparecia um cachorro-quente; várias torneirinhas comandadas por botão deixavam escorrer groselha, soda-limona, guaraná, laranjada e tudo quanto é espécie de refrescos. Haveria a qualidade e a quantidade que eu quisesse de sorvete, doce, bala, bombom. Puxando uma alavanca, eu fazia o teto se abrir numa espécie de claraboia, por onde podia ver o céu e até empinar um papagaio. Teria um telescópio também, dos mais possantes do mundo, para ver a lua e as estrelas. E tudo que eu quisesse.

Era o que eu imaginava na cama, antes de dormir, sem acreditar que um dia tudo viesse a ser realidade. Ali estava a oportunidade, e não perdi tempo: mandei que a caixa de areia virasse uma piscina, com tudo o que eu tinha imaginado.

O susto que a Fernanda levou quase me mata de rir: a coita-

da mal teve tempo de saltar para a terra, quando viu a areia em que pisava se converter na água azul de uma bela piscina.

Tirei a roupa e pulei de cabeça.

Logo encontrei o túnel, que era curto como eu tinha previsto, uns três metros de comprimento. Foi fácil atravessá-lo debaixo d'água. Uma curva para cima, como eu tinha imaginado, levou-me à saída, que era uma espécie de poço no chão, com uma escadinha de metal, dessas que toda piscina tem. Encontrei toalhas para me enxugar e um roupão para vestir. Eu ria de felicidade: tudo o que eu queria ali estava. Aquele era o meu mundo, o meu domínio, a que só eu tinha acesso. Eu me sentia um verdadeiro rei.

Tinha de tomar cuidado para que não descobrissem o meu segredo. Ninguém acredita em milagres. E eu não sabia como usar o meu poder para não deixar que ficassem sabendo. Ao voltar para o quintal através da piscina, vi no alto da escada da cozinha, a Alzira estatelada de espanto. Ao dar por mim, ela entrou correndo pela casa adentro:

— Socorro, dona Odete! Deus nos acuda! Vem ver uma coisa!

Mamãe veio com ela e, como da outra vez, não viu nada: eu já havia mandado que a piscina voltasse a ser uma simples caixa cheia de areia.

— Essa mulher não está boa da bola — mamãe comentou, resignada: — Onde é que você viu piscina?

A Alzira agitava os braços para o céu, aparvalhada:

— Sou capaz de jurar! Sou capaz de jurar!

Passei o dia inteiro experimentando com cautela o meu poder. Ordenei que o dia se convertesse em feriado, para não

precisar de ir à escola. Em pouco era o Toninho que regressava do colégio, todo satisfeito:

— Suspenderam as aulas. Hoje é feriado.

— Feriado como? — estranhou minha mãe.

— Sei lá — disse ele: — Dia santo, acho.

— Dia santo? — mamãe estranhou mais ainda: — Que santo é esse, que eu não estou sabendo?

— Dia de São Nunca, mamãe — informei, satisfeito.

E fui para o quarto fazer a lista das coisas que eu queria que acontecessem, para experimentar uma por uma. A primeira delas...

BEM, AÍ É QUE ESTAVA o problema, tantas foram as ideias que me vieram ao mesmo tempo. Uma, por exemplo, que foi sempre um grande sonho meu: ficar invisível. Mas, pensando bem, para que eu queria ficar invisível? Que vantagem havia no fato de não ser visto pelos outros? A única que me ocorreu foi a de entrar no cinema sem pagar. Mas corria o risco de alguém se sentar em cima de mim, pensando que a poltrona estivesse vazia.

Em todo caso, fui ao espelho e falei para a minha imagem:

— Fique invisível!

O susto da minha vida: na mesma hora vi a minha roupa vazia, flutuando no ar, os meus sapatos se mexendo sozinhos, as calças sem minhas pernas dentro, as mangas da blusa sem braços, a gola sem pescoço e eu sem cabeça. Era mesmo para assustar qualquer um! Já ia tirar a roupa toda para que desaparecesse até a forma do meu corpo, mas achei mais prático

fazer a roupa se tornar invisível também. Não seria nada engraçado se tivesse de voltar a ficar visível e aparecesse pelado na vista de todo mundo.

Senti uma grande aflição quando não vi mais nada diante do espelho. Tive que me apalpar para saber que ainda estava ali.

Saí do quarto e fui ver o que acontecia. Passei pela minha mãe na sala e ela olhou através de mim como se eu não existisse. Não resisti e chamei-a:

— Mamãe...

Ela olhou em direção à minha voz:

— Fernando? Onde é que você está?

— Aqui... — e fui me colocar às suas costas.

Ela se voltou na cadeira:

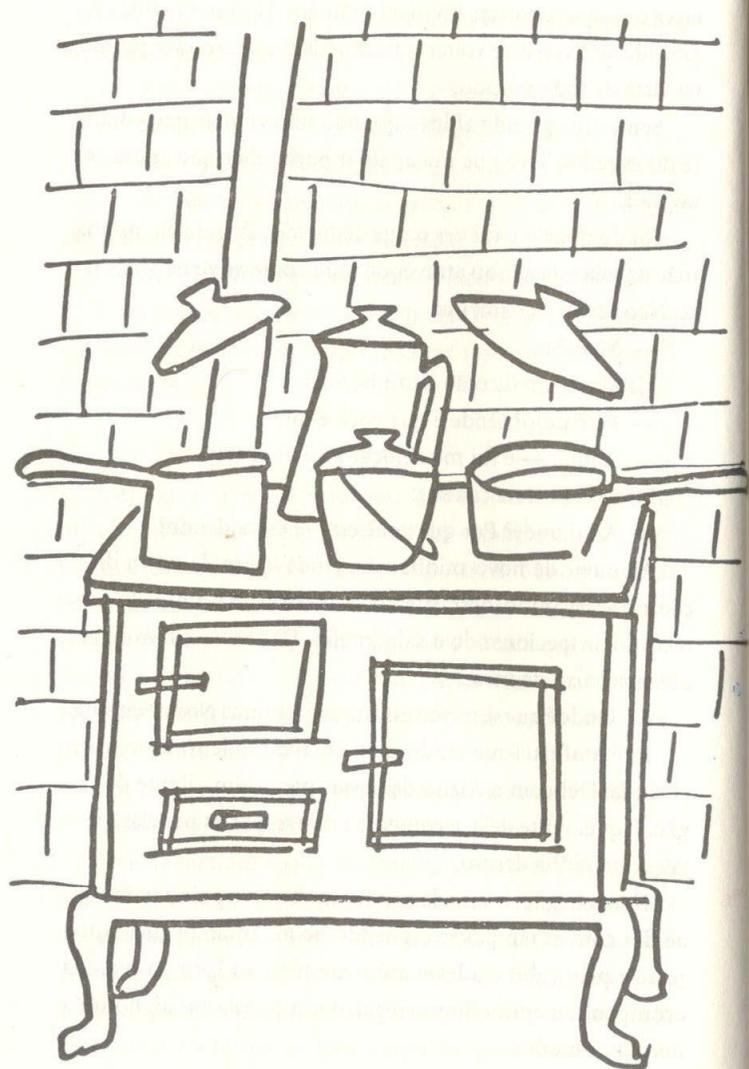
— Aqui onde? Por que você está se escondendo?

Ao ouvir de novo minha voz, vinda agora de outra direção, ela se levantou, desorientada, deu uma volta completa com o corpo, inspecionando a sala inteira. Depois se curvou para olhar debaixo da mesa:

— Onde é que se meteu esse menino, minha Nossa Senhora.

Embarafustei-me rindo pelo corredor adentro, fui até a cozinha. Dei com a Alzira de costas para mim, diante do fogão. Fiquei rente dela, e comecei a destampar as panelas, para ver o que tinha dentro.

Nem cheguei a ver: ela soltou um berro e pulou para trás, ao dar com as tampas se erguendo no ar. Então peguei numa panela pelo cabo e a levei até a mesinha ao lado da pia. Ela acompanhou com olhos arregalados a panela no ar, botou a boca no mundo:



— Te esconjuro! Virgem Santíssima, tem dó de mim! Essa casa tá mal-assombrada!

E disparou em direção à porta dos fundos, levando um trambolhão ao esbarrar de cheio em mim:

— Ui, que é isso? Ai, meu santo, tem demônio aqui pra todo lado!

Num segundo ela despencava escada abaixo, indo se refugiar no seu quarto. Refeito do susto que levei eu próprio, quando ela quase me atirou ao chão, fui atrás. Por pouco não atropelo a Fernanda, que estava no meio do quintal, e não se afastou para me dar passagem. Pela janelinha do barracão vi a cozinheira ajoelhada no chão diante de um santinho pregado na parede, fazendo o nome do padre, um atrás do outro.

Antes de reaparecer, resolvi ainda passar um susto no Godofredo. Cheguei bem pertinho do poleiro e o papagaio ficou com aquele olhar parado assuntando o ar, como se tivesse ouvido algum barulhinho. Quando ia cutucá-lo com o dedo, para derrubá-lo do poleiro, o miserável virou rápido a cabeça e me deu uma bicada na mão. Quem se assustou fui eu:

— Desgraçado, você me paga por essa papagaiada.

Chegou a sair sangue. Como é que ele teria me visto?

Só quando voltei ao meu quarto, antes de me tornar visível, é que reparei que o dedo ficou sujo de fuligem quando mexi nas panelas.

PENSEI EM EXPERIMENTAR outros milagres: ler o pensamento das pessoas, adivinhar o futuro, voltar ao passado, enxergar através das paredes, diminuir ou aumentar de tamanho como Alice no País das Maravilhas, ouvir de longe o que os outros

falavam, ver à distância como um binóculo, enxergar micróbios como num microscópio, ter a força do Super-Homem, e outras coisas fantásticas que sempre senti vontade de fazer. Mas tudo isso agora me parecia bobagem. Que adiantava saber o que os outros pensavam, ou estavam fazendo atrás das paredes, ou falando longe de mim?

Mas da ideia do Super-Homem passei a outra, esta sim, absolutamente sensacional: eu queria conhecer ao vivo um dos meus heróis, Tarzã em pessoa!

— Quero conhecer Tarzã.

No mesmo instante ouvi lá fora o famoso grito do Filho das Selvas, tão meu conhecido e impossível de ser imitado:

— Oôôôiiiiiôôô!

Era o mesmo grito com que ele chamava Tantor, o elefante, nos momentos de perigo. Ouvi uns guinchos e dei com a Chita a meu lado, puxando-me o braço. A macaca me levou até o quintal e lá estava Tarzã, enorme, colossal, à minha espera. Abaixando-se, mandou que eu subisse às suas costas. Num salto se dependurou num galho da mangueira, dali para outro galho mais alto, outro ainda, e lá fomos nós, Tarzã já se balançando num cipó comigo às costas, lançando-se no ar, entre as folhas verdes e os galhos das árvores de uma imensa floresta. Para onde estaria me levando? Eu abria bem os olhos, para não perder nada daquele passeio pela selva, nas costas de Tarzã. Aquilo era mais assustador que a montanha-russa, eu morria de medo de cair e me esborrachar lá embaixo. Mal conseguia me segurar nos ombros largos e suados do Homem-Macaco.

E o pior é que ele começou a sentir cócegas. À medida que minhas mãos iam escorregando em suas costas ele se sacudia todo, rindo cada vez mais. Eu é que não achava graça nenhuma,

quase me despencando daquela altura. Já havia imaginado Tarzã nas situações mais fantásticas, mas nunca rindo às gargalhadas.

Antes que caísse ali de cima, mandei que ele se transformasse num paraquedas. E vim descendo de mansinho, como se tivesse saltado de um avião, até cair no quintal da minha casa.

Estava decepcionado com Tarzã: só não mandei que fosse para o diabo porque me lembrei do guarda naquele filme. Mas eu era mais poderoso, eis tudo. Era capaz de fazer mais prodígios do que ele, até do que Mandrake.

Seria mesmo?

Resolvi convocar o famoso mágico. Ele logo me apareceu com a sua capa preta e cartolinha na cabeça. Tinha o ar cansado e sua casaca me pareceu meio velha e surrada, como a de um mágico de circo. Vinha seguido de Lotar, seu fiel ajudante. Preferi dispensar o negrão:

— Você não. Pode ir embora.

Lotar fez uma curvatura em despedida e se evaporou no ar. Então perguntei ao Mandrake:

— Quem é mais poderoso? Quem faz mágicas ou quem faz milagres?

— Quem faz milagres — respondeu ele modestamente.

— Então sou mais poderoso que você.

— Não, porque o seu poder vai acabar, e o meu vai continuar eternamente.

— Como é que você sabe?

— Sei, porque o meu mundo é o das figurinhas, onde tudo dura para sempre, ao passo que, no seu, tudo começa e acaba.

Agarrei-me à sua mão, ansioso:

— Quando é que vai acabar o meu poder de fazer milagres?

— Quando você quiser.

- Nunca vou querer.
- É o que você pensa.
- Então faz uma mágica bem boa para mim.

Ele tirou a cartola, me olhou no fundo dos olhos, como se estivesse me hipnotizando, e falou:

- Meta a mão nesta cartola, que tem uma coisa para você.

Fiz como ele mandava e tirei da cartola um caniveteinho vermelho. Tinha várias lâminas e até uma tesourinha, mas não passava de um canivete. Achei aquela mágica meio boba. Em todo caso, era um presente dele — embora eu, com o meu poder milagreiro, pudesse conseguir coisa mil vezes melhor.

Sem uma palavra, ele botou a cartola na cabeça, fez meia-volta e se afastou, saindo para a rua pelo portão da frente, como uma pessoa qualquer.

FIQUEI IMPRESSIONADO com o que o Mandrake me havia dito. A minha sensação era de que o poder de fazer milagres ia se acabar de uma hora para outra. Por via das dúvidas, resolvi empurrar a noite mais para diante e fazer ainda um grande milagre naquele dia.

Qual podia ser?

De súbito me ocorreu uma ideia, saltei de alegria:

- Eu quero visitar o Sítio do Picapau Amarelo!

No mesmo instante me vi andando por uma estradinha, passei por uma porteira, e lá estava a Narizinho Arrebitado sentada nos degraus da varanda do famoso sítio, tendo Emília a seu lado. Mandei que a tarde se prolongasse o tempo que eu quisesse e passei toda ela conversando com aquele pessoalzinho, um por um. O Visconde de Sabugosa me pareceu muito mais

engraçado pessoalmente que nos livros. Veio me cumprimentar todo emproado, tirando a cartolinha num salamaleque:

- Bem-vindo a esta casa, Dom Fernando.

O Marquês de Rabicó me espiava de longe, meio encapifado com a minha aparição, mas acabou se chegando, a mexer no ar o seu rabinho de saca-rolha. Depois Dona Benta veio me oferecer umas mãos-bentas e uma deliciosa xícara de chocolate. Tia Anastácia estava resmungando lá na cozinha, até parecia a Alzira, só que era preta e gordona. Estava se queixando do Pedrinho, que certamente fizera mais uma de suas travessuras.

Quando me viu, Pedrinho me chamou de lado e perguntou se era verdade que eu sabia fazer milagres.

- Mais ou menos — respondi, encabulado.

— Eu queria que você fizesse um para mim — pediu ele: — É por causa da tia Anastácia. Ela não acredita que a Terra é redonda e que os japoneses estão de cabeça para baixo, só não caem por causa da atração da Terra.

Com o ar superior de quem sabe as coisas, falei:

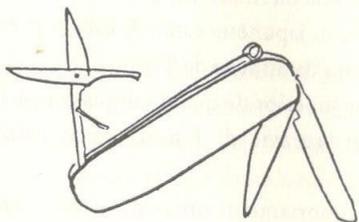
— É a lei da gravidade. É só acabar com ela, para ver o que acontece.

Não era propriamente uma ordem, nem mesmo um pedido de milagre, mas soou como se fosse. E de repente Pedrinho à minha frente, eu, Narizinho na varanda, a varanda, o sítio inteiro com a Emília, o Visconde, o Marquês, a Dona Benta, a tia Anastácia, as árvores, as casas, tudo saiu voando pelos ares como numa tremenda ventania. Me lembrei do filme sobre o homem que fazia milagres e, entre duas cambalhotas, mal tive tempo de fazer como ele, pedir depressa para acabar com aquilo, voltar ao que era antes dos milagres.

- Apague essa luz que eu quero dormir.

Era a voz do Toninho. Abri os olhos e vi que eu estava na cama, pronto para dormir. Olhei intensamente para a luz e mandei que ela se apagasse. Nada aconteceu. Então fui até lá e apertei o botão. Voltei para a cama e em pouco tempo estava dormindo.

Ao acordar, mal me lembrei dos milagres, senão de maneira confusa, como se tudo não tivesse passado de um sonho. Mas depois de vestir a roupa, ao meter a mão no bolso da calça, encontrei um objeto, retirei para ver: era um canivete vermelho.



### CAPÍTULO III

#### COMO DEIXEI DE VOAR

**N**AQUELE TEMPO OS AVIÕES se chamavam aeroplanos. Era só passar um avião e eu saía no meio da molecada, em algazarra pela rua, apontando o céu e gritando:

— Aeroplano! Aeroplano!

Ouvindo a gritaria, os mais velhos se debruçavam nas janelas e olhavam para cima, procurando ver também.

Não eram aviões grandes nem de metal como os de hoje, mas teco-tecos de madeira e lona, duas asas de cada lado, uma em cima da outra, presas com arames cruzados. Nele só cabiam dois aviadores que a gente podia ver, a cabecinha de fora, com um gorro de couro e óculos tapando os olhos para não entrar poeira.

Uma vez papai nos levou ao campo de aviação do Prado para ver as acrobacias. Eu mal conseguia pronunciar essa palavra, quanto mais saber o que ela significava.

Foi um deslumbramento.

Eram dois ou três aviõezinhos: levantavam voo como se fossem de brinquedo e faziam piruetas, voavam de cabeça